

## TEMPORALIDADES HISTÓRICAS DO TRABALHO E DA EDUCAÇÃO EM COMUNIDADES RURAIS

Ana Elizabeth Santos Alves

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: ana\_alves@hotmail.com

### INTRODUÇÃO

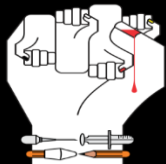
Trabalho e educação são elementos essenciais da vida humana. Pelo trabalho, a humanidade transforma a natureza e se transforma; cria as condições para viver e compreender o mundo. A educação é parte integrante desse processo de produção da existência humana. No ato de trabalhar, mulheres e homens criam objetos imprescindíveis para atender as necessidades de sobrevivência, se educam e se constituem como humanidade. Esse movimento expressa a condição mediadora do desenvolvimento histórico do humano em cada formação social e como o ato de trabalhar e educar ocorre nesse processo. O capitalismo separa a relação entre o trabalho e a criação, que distingue os seres humanos dos outros animais, os produtos dos produtores, e o transforma em fadiga “inciativa” (KOSIK, 1976, p. 110). A educação, nesse contexto, forma para o trabalho assalariado e o consumo de produtos industrializados. A dimensão dessas relações capitalistas entre os povos de povoados e de comunidades rurais entrecruza a temporalidade da vida familiar, marcada pelas estações do ano, pelo trabalho na roça, pelo trabalho doméstico, com a temporalidade da indústria, medida pela exploração e controle do trabalho.

O objetivo desta comunicação é refletir brevemente sobre a coexistência do tempo da reprodução ampliada do capital (o tempo linear da indústria) e o tempo do ciclo da vida familiar dos povos de povoados e comunidades rurais.

### METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos consistiram de análises preliminares dos dados das pesquisas de campo realizadas em quatro comunidades de Planalto, BA, em 2012 e 2013<sup>1</sup>, mediante observações e entrevistas; dos dados empíricos da dissertação

<sup>1</sup> Cf ALVES, Ana E. S. Trabalho, vida rural e educação. Revista HISTEDBR On-line, v. 16, p. 163-177, 2017.



desenvolvida por Vanilda Silva<sup>2</sup> no Povoado de Roçado Grande, município de Poções, BA, em 2021; dos dados empíricos da tese de doutorado, desenvolvida por Marisa Santos<sup>3</sup>, na comunidade de Peri Peri, município de Belo Campo, em 2020; e das observações da iniciação científica de Isabela Gomes<sup>4</sup>, realizada na comunidade de Mumbuca, região de Bom Jesus da Serra, em 2021. Neste texto, adotou-se como principal referência teórica, os estudos desenvolvidos por José de Souza Martins (2011; 2021).

2809

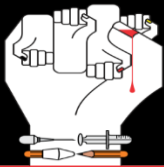
### *Breve relato sobre a paisagem das comunidades e povoados*

Nas comunidades rurais de Planalto, a paisagem na estrada, na época da seca, é de vegetação “prateada”, por falta de chuvas; e, na época “das águas”, é a beleza do verde, misturado com as flores amarelas do Canjoão e as flores vermelhas do Flamboyant, inundando a nossa visão. A impressão inicial é de um espaço socialmente vazio. No entanto, ao olhar com mais acuidade, identificam-se pessoas trabalhando nas casas ou na terra. A Comunidade Quilombola de Mumbuca, segundo Isabela Gomes, moradora do lugar, é formada por um conjunto de casas simples, não muito distantes entre si, cercado por morros; na seca, observa-se a mata cinza da caatinga; nas chuvas, o verde forte da vegetação. A depender da época, há flores do Canjoão, vegetação rasteira e árvores pouco altas. As motos substituem os cavalos. Na paisagem, avistam-se vacas, cabras, galinhas e trabalhadores nas roças, capinando ou com enxadas nos ombros. Uma rotina diária é a busca de água em baldes na cabeça ou em carrinhos de mão. Algo que faz parte da cultura religiosa e que conseguiu resistir ao tempo é o culto aos santos católicos em datas comemorativas. No povoado de Roçado Grande, Vanilda Silva, professora do Polo Educacional da região, observa, nas suas idas à escola, a vegetação seca da paisagem e o verde, na época das chuvas; nas pastagens, alguns animais silvestres típicos da caatinga e, algumas vezes, o gado. Na maior parte do percurso, não se avistam casas; as poucas existentes são bem distantes umas das outras. Avistam-se homens trabalhando no cercamento ou na capinagem das terras e trabalhadores que,

<sup>2</sup> SILVA, Vanilda dos S. Trabalho e saberes escolares: memórias de trabalhadores e trabalhadoras de povoados do município de Poções (2021). Dissertação (Mestrado PPGMLS/UESB).

<sup>3</sup> SANTOS, Marisa O. Memórias do Trabalho Familiar em Casa de Farinha. 2021. Tese (Doutorado PPGMLS/UESB) 2020.

<sup>4</sup> GOMES, Isabela de J. Saberes tradicionais e escolares: mulheres benzedeadas na comunidade quilombola de Mumbuca. Projeto de Iniciação Científica. UESB/2021.



comumente, fazem o percurso de casa até o local de trabalho utilizando motos. A paisagem foi modificada com a chegada de torres de energia eólica. Nas imediações do Polo Educacional, veem-se galinhas, que os moradores criam para a subsistência. Durante a semana, o movimento do povoado concentra-se na porta da escola, comprovado pelo número de vans e ônibus que fazem o transporte dos alunos e pelo número de pessoas presentes. Há uma venda em frente ao Polo Educacional e uma pequena barraca de doces. Nos finais de semana, acontecem bingos na venda, uma das poucas alternativas de diversão do povoado. Os moradores também fazem campeonatos de futebol masculino e feminino em finais de semana. Na comunidade de Peri Peri, segundo Marisa Santos, a vegetação é rasteira e de mata de cipó; nas residências, os quintais são divididos entre pais e filhos, que partilham a terra para trabalho e moradia, somado a um conjunto de 13 Casas de farinha, nem todas em funcionamento. Há uma escola pequena, com duas salas de aula e uma pequena Igreja Católica, que se firma na religiosidade local. A estrada é de terra batida. Nos quintais das casas, poucas hortas e muitas plantas medicinais. O lazer esportivo é o futebol de várzea. O povoado é abastecido com água de poço artesiano. Há um boteco que vende produtos de consumo doméstico e aparenta ser o local de socialização da vida em comunidade.

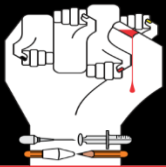
Nas comunidades e no povoado, vivem trabalhadores(as) camponeses(as), reconhecidos(as) pelo modo de acesso à terra, com entendimento de mundo e de vida centrado no ciclo familiar. São povos que preservam um modo de vida muito próximo à natureza por meio de saberes do trabalho, transmitidos oralmente, mantêm os costumes tradicionais no estabelecimento de relações de troca com os vizinhos, nas práticas religiosas, nas festas de casamento e nos momentos de lazer.

### *Os relatos sobre o povoamento do lugar, o trabalho e a escola*

Os mais velhos preservam a memória do passado, construída pelos relatos de como as comunidades e o povoado foram formados e a relação com o trabalho e a educação.

(...) Eu, desde deus assim quando eu fiquei mocinha, meu trabalho é trabalhar na roça, rastar inchada. Eu trabalhava na lavoura com meu marido, primeiro com o meu pai. (...) (Dona Neuza, moradora de comunidade, região de Planalto, 2012).

O nome da Comunidade Quilombola originou-se da cultura dos povos africanos (...) palavra de origem Bantu (Isabela, moradora da Comunidade Quilombola de Mumbuca, 2021).



Há muitos anos atrás, um homem chamado João chegou à zona rural de Poções - BA, trazendo consigo sonho e esperança de criação e de sobrevivência. Pegou sua foice e se pôs a roçar, por esse motivo essa região foi nomeada de Roçado Grande (Morador antigo do Povoado, citação do Projeto Político Pedagógico da escola, 1999).

(...) Oh, Deus, trabalho na roça, minha filha! Se eu contar pro cê que minha vida foi vida de roça desde que me entendi por gente, assim pequenininha, só lembro de trabalho na roça (...). No meu tempo, eu queria (a escola), ela não veio... Hoje não tenho mais tempo pra isso, não (Dona Luzia, 2020, Peri Peri).

(...) De vários lugares (origem do lugar), e foram comprando suas terrinhas). Sempre assim... coisa de “famia”, às vezes uma moça gostava de um rapaz, vinha de fora, casava (...) (Seu Manoel, 2022).

2811

Os relatos mostram as dificuldades vividas no trabalho por esses trabalhadores(as) desde crianças e a formação para o trabalho, que se inicia desde cedo. Comungam um sentido de troca, que persiste, com o grupo familiar. O trabalho na terra baseia-se em técnicas rudimentares e em saberes da experiência. Ao mesmo tempo, eles estão sujeitos ao processo de reprodução ampliada do capital por meio do trabalho assalariado temporário em terras alheias, na construção civil, no trabalho doméstico e nas migrações temporárias para São Paulo, com objetivo de preservar a terra e a reprodução da família. Estabelecem relações sociais de consumo com as estruturas mais amplas da sociedade, na compra de mercadorias industrializadas, a exemplo de aparelhos domésticos, celulares, motos. São essas “formas tecnologicamente avançadas de atividade econômica, do mundo do satélite, do computador da alta tecnologia” (MARTINS, 2021, p 13), que alimentam a acumulação global do capital.

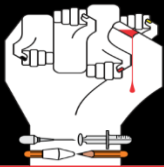
As relações que se estabelecem entre esses povos, no consumo das mercadorias industrializadas, e o trabalho fora da roça dão origem no campo a “fenômenos de uma outra ordem, num outro nível, o da vida social e ‘cultural.’” Ou seja, penetram no campo valores sociais, culturais e elementos do sistema de objetos do “tecido urbano” (LEFEBVRE, 2001, p. 19), gerando um movimento desigual de desenvolvimento econômico, social e cultural. Essa realidade presente no meio rural sugere, de um lado, “os agentes da economia capitalista (...), da mentalidade inovadora, urbana e empreendedora”, que podem ser observados na educação escolar, na especulação imobiliária, no desenraizamento; e, de outro lado, uma permanente disputa/resistência dos valores sociais dos camponeses, considerados atrasados no seu modo costumeiro e tradicional de como vivem e trabalham (MARTINS, 2021, p 138). José de Souza Martins (idem) explica essa contradição entre o moderno e o tradicional à luz de análises sobre a diversidade de temporalidades históricas existentes no Brasil,

Realização:



Apoio:





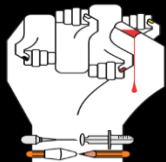
especialmente sobre a frente de expansão dos territórios indígenas. As análises do autor nos ajudam a entender o desenvolvimento desigual do capital. Ariovaldo Umbelino de Oliveira (2004, p.35-36) sugere que “o estudo da agricultura brasileira deve ser feito levando em conta que o processo de desenvolvimento do modo capitalista de produção no território brasileiro é contraditório e combinado”. Coexistem realidades em que se reproduzem relações capitalistas e relações camponesas de produção. Coexistem temporalidades históricas diversas (CIAVATTA, 2007); diversas formas de viver e representar o mundo nas formas de educar. Ou seja, há o tempo da família (o tempo do ciclo familiar), de criar os filhos, de transmitir os conhecimentos. Entretanto, como lembra David Harvey (p. 188), esse “tempo pode ser mobilizado para atender às exigências do ‘tempo industrial’, que aloca e realoca trabalho para tarefas segundo vigorosos ritmos de mudança tecnológica e locacional forjados pela busca incessante de acumulação do capital”. Nesse contexto, os povos da agricultura camponesa vivem um processo incessante de afirmação dos seus modos de vida e de resistência a fim de manter a família e a terra.

2812

## CONCLUSÕES

Neste texto, as análises se concentraram em dados das observações e entrevistas com moradores e trabalhadores de comunidades e povoados do interior da Bahia, especialmente no processo de coexistência dos saberes do trabalho herdados e de uma sociabilidade do tempo cíclico da vida familiar desses sujeitos com o tempo do trabalho assalariado nas terras dos fazendeiros, na construção civil, no emprego doméstico. O estudo das temporalidades históricas permite analisar a coexistência de fenômenos sociais conflitantes, que geram movimentos desiguais nas relações sociais entre os modos de vida (os valores, os costumes), os saberes do trabalho dos povos das comunidades de povoados e o desenraizamento na assimilação das transformações econômicas e culturais que o capitalismo representa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalho. Educação. Temporalidades históricas. Rural.



## REFERÊNCIAS

Clavatta, Maria (coord.) Memória e Temporalidades do Trabalho e da Educação. R.J.: Lamparina: Faperj, 2001.

Lefebvre, Henri. Industrialização e urbanização. In: \_\_\_\_ O direito à cidade. Tradução de Rubens Frias. S.P.: Centauro, 2001. p. 11-33.

Martins, José de S. A Sociabilidade do Homem Simples: cotidiano e História na modernidade anômala. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

Martins, José de S. Fronteira: a degradação do Outro nos confins do Humano. 2 ed. S.P.: Contexto, 2021.

Harvey, David. Espaços e tempos individuais na vida social. In: \_\_\_\_ A Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as Origens da mudança cultural. Tradução Adail U. Sobral e M<sup>a</sup> Stela Gonçalves. Loyola: S.P., 1993. p. 195 – 206.

Oliveira, Ariovaldo. U. de. A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e reforma agrária. In: Stedile, João Pedro (org.) A questão agrária no Brasil: Interpretações sobre o camponês e o campesinato. São Paulo: Expressão Popular, 2016. p.329-359.

2813

Realização:



Apoio:

